
A centralidade das periferias na narrativa como prática emancipatória de veículos periféricos¹

Laura Toyama Cardoso de Souza²
Dennis de Oliveira³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Esta pesquisa⁴ tem como objetivo relacionar a perspectiva de veículos de comunicação periféricos, orientada pelos valores-notícia de proximidade e relevância, a sua tipificação como alternativo, comunitário, popular e emancipatório. A partir dessa reflexão, compreender de que forma a centralidade dada às narrativas territorializadas, produzidas pelos jornalistas de periferia, se configura como uma *práxis* cultural emancipatória, que é parte de suas articulações como *sujeitas* e *sujeitos periféricos*. Foram escolhidas como material de análise as reportagens publicadas no período das eleições municipais de 2024, nos sites das iniciativas *Agência Mural*, *Periferia em Movimento* e *Nós, Mulheres da Periferia*. Os três veículos são nativos digitais, independentes e de gestão horizontalizada, além de serem originários de bairros periféricos da cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo periférico; periferias; sujeitas e sujeitos periféricos; valores-notícia.

INTRODUÇÃO

A escolha dos fatos a serem noticiados em um veículo de comunicação não é aleatória, e sim fruto de valores sociais pré-estabelecidos, que pautam a linha editorial do jornal de acordo com seu caráter de financiamento, colaboradores e origem. Os veículos periféricos adotam alguns desses critérios como os mais recorrentes para orientar suas produções, que têm como premissa centralizar as narrativas nas periferias, de forma a enfrentar as estereotipificações comumente difundidas pelo jornalismo hegemônico.

Ao produzirem notícias a partir de uma perspectiva territorializada, os jornalistas que atuam nessas iniciativas tornam-se também *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, contribuindo com discussões de dentro para fora, que questionam, através da difusão de informação, as opressões socioespaciais e suas consequências na vida dos moradores. Há uma relação entre a

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada no Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP, e-mail: laura.toyamac@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP, orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes, e-mail: dennisol@usp.br.

⁴ Este artigo é um desdobramento de monografia submetida à Banca de Graduação do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da USP, em dezembro de 2024.

atuação em comunidades e a transformação do jornalismo periférico em uma ferramenta de emancipação e subversão do domínio do discurso por grupos marginalizados social e territorialmente. A pesquisa é capaz de relacionar os valores-notícia elaborados pelas teorias do jornalismo ao conceito de ações culturais emancipatórias, idealizadas pelo pedagogo Paulo Freire ao considerar indispensável a dialogia com a realidade do oprimido em qualquer ação revolucionária.

1. Periferia e sujeitos e sujeitas periféricas

Para falar de jornalismo *periférico*, é preciso antes conceituar *periferia* e quem são as sujeitas e sujeitos que, ao partilharem uma identidade, atuam como transformadores dos lugares onde vivem. Periferia é um conceito em disputa (Rovida, 2020), cujo entendimento passa por transformações promovidas por agentes culturais, acadêmicos e, principalmente, pelos próprios habitantes dessas regiões. Há a defesa do uso do termo no plural, *periferias*, que seria capaz de abarcar sua multiplicidade.

Nestes territórios, se observam fenômenos urbanísticos comuns como o espraiamento, a precariedade de infraestruturas urbanas, dispersão populacional e o distanciamento físico dos centros. A definição de periferia se sustenta, portanto, em dois principais aspectos: um elemento social, a pobreza, e um elemento geográfico, a distância. Apesar da dificuldade de delimitar, conceitualmente, o que são as periferias, sua existência pode ser atestada pela segregação socioespacial dos grandes centros urbanos e pelos fenômenos antropológicos derivados deste cenário.

Na década de 1990, a ausência do Estado, altos índices de violência e a diminuição da atuação de movimentos sociais pré-existent nos territórios resultaram em uma onda de mobilizações socioculturais promovidas pelos próprios moradores, que deu nova interpretação ao conceito de periferia. O termo ganha maior aceitação entre grupos da sociedade e parte da população se identifica ou se solidariza com a realidade vivida nos territórios, que é permeada por mazelas sociais, mas também dotada de grande potência política.

Simultaneamente a ressignificação do conceito de periferia, D'Andrea (2013) afirma que emergem protagonistas de movimentos socioculturais que atuam na transformação dos territórios, de dentro para fora, chamados por ele de *sujeitas e sujeitos periféricos*. A identidade que nasce da desestigmatização de seu lugar de origem e a criação de uma

consciência de pertencimento são os alicerces do surgimento de veículos de jornalismo das periferias.

É importante ressaltar que nem toda subjetividade periférica é igual, mas são inegáveis os pontos de contato comuns a todas as regiões, interligadas por vivências que só podem ser experimentadas nestes lugares. O antropólogo José Guilherme Cantor Magnani⁵ reflete, em artigo, a respeito da cultura popular na capital paulista e o conceito de *pedaço*, que seria um intermediário entre o público e o privado, no qual formas diferentes de interação podem ocorrer. Ele faz uma revisão da proposta elaborada por Roberto DaMatta⁶ (1991) de organização da sociedade brasileira entre casa e rua, e propõe que neste terceiro plano, o pedaço, as pessoas são capazes de estabelecer relações mais personalizadas e duradouras, que tornam estes espaços propícios para a germinação de uma identidade comum.

2. Jornalismo periférico e hibridismo de conceitos

O jornalismo feito nas periferias tem como uma de suas características determinantes a abordagem dialógica e diversa, capaz de abarcar a pluralidade que se observa nos territórios. Em pesquisa de campo realizada na região metropolitana de São Paulo, a doutora em comunicação Mara Rovida identifica que essa pluralidade traz à tona uma polissemia específica, que se expressa no surgimento de redes orgânicas de comunicação, na qual veículos tornam-se complementares através de suas políticas editoriais.

Com diferentes políticas editoriais, os veículos de comunicação mantidos pelos sujeitos da pesquisa, ainda que guardando essa relação de compromisso com o território, apresentam uma diversidade de questões, de perspectivas e de vozes que fazem parte desse contexto social. (Rovida, 2020, p.6)

O enquadramento do território é o principal ponto de contato entre todos os veículos que atuam nas periferias. A ligação dos comunicadores com os territórios nos quais estão inseridos é fator determinante na caracterização das narrativas que produzem. Há uma troca na qual o espaço molda o jornalismo ali exercido, na mesma medida em que esse jornalismo molda o espaço. Essa relação sujeito-território é explicada pelo geógrafo Milton Santos em *O espaço do cidadão* (2002), no qual afirma que o espaço ocupado se constitui pelas pessoas que nele habitam, e que da mesma maneira cada sujeito tem um valor, seja como produtor ou

⁵ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Unesp: Hucitec, 1998.

⁶ DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

cidadão, a depender do lugar onde está (Santos, 2002). Em razão dessa relação indispensável, há nas produções jornalísticas periféricas uma aproximação assumida e proposital entre os jornalistas e as fontes, uma questão identitária (Rovida, 2018).

2.1 Alternativo, popular e comunitário

Há uma série de terminologias que podem ser usadas para caracterizar o jornalismo periférico, pode-se dizer que há um hibridismo dos conceitos de comunitário, popular, alternativo, participativo e emancipatório.

Como uma produção de caráter contra-hegemônico, a princípio pode ser classificado como alternativo por questionar a realidade de seu contexto. Assim como a imprensa tida como alternativa no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, período no qual o país se encontrava sob tutela da ditadura militar brasileira, o jornalismo periférico contrapõe-se a uma realidade de opressão vivida nos bairros periféricos, retratados de forma incipiente pelo jornalismo hegemônico. O tema da violência, por exemplo, é constantemente veiculado como o único tema referente às periferias, o que evidencia um interesse de exploração econômica através da audiência (Bourdieu, 1997, p.63 apud Rovida, 2018, p.57).

As particularidades que posicionam o jornalismo periférico entre as produções alternativas estão, além da reelaboração da hierarquização da informação, a busca por fontes e vozes culturalmente excluídas. Os jornalistas periféricos substituem a ideia de “dar voz” pela ideia de “dar ouvidos”, e assim criam uma aproximação característica entre os produtores da notícia e seus espectadores. Essa relação se constitui não só através de uma identidade periférica compartilhada, mas através da disposição de veicular suas narrativas sem um intermediador externo, que tende a alterar as histórias a partir de sua própria perspectiva limitada e, muitas vezes, preconceituosa.

Tendo em vista a centralidade do povo como protagonista, o jornalismo periférico também se enquadra como comunicação popular e comunitária, cujo surgimento na América Latina se observa entre os anos 1970 e 1980, visando a transformação de estruturas opressivas da sociedade (Peruzzo, 2006). No Brasil, esse movimento está diretamente ligado ao movimento sindical e operário, tanto na cidade como no campo, como apontam alguns

teóricos como Regina Festa⁷ (1986). A comunicação deixou de ser feita “de cima para baixo”, e passou a quebrar lógicas de opressão através da linguagem popular.

São evidências do caráter comunitário e popular do jornalismo periférico a participação ativa do público alvo; a promoção do exercício da cidadania; a ausência de fins lucrativos na produção; a tendência a propriedade coletiva e organização isonômica; a difusão de conteúdos que fomentam a educação popular, a cultura e a participação política. No jornalismo periférico, o público não é mais apenas o receptor da mensagem, mas sim parte integrante da produção e divulgação de notícias (Magnoni; Miranda, 2018).

2.2 Caráter emancipatório

Um aspecto fundamental do jornalismo periférico é seu caráter emancipatório, compreendido a partir da ideia de *ação cultural pela liberdade*, proposta pelo educador Paulo Freire, e ligada ao jornalismo alternativo pelo jornalista, professor e pesquisador Dennis de Oliveira em sua tese *Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire*. Para Freire, os sujeitos só são capazes de se libertar verdadeiramente da opressão quando estão incluídos no processo, e considera que qualquer tentativa emancipatória que fuja dessa premissa é apenas uma reprodução da lógica da opressão.

Oliveira, portanto, sustenta que o caráter participativo do jornalismo periférico, que busca trazer narrativas silenciadas para o centro do debate a partir da perspectiva de pessoas advindas dos territórios, é emancipatório. A produção jornalística das *sujeitas* e *sujeitos periféricos* – aqui entendidos como aqueles que ocupam esse lugar de opressão no espaço urbano – é uma das faces da consciência de pertencimento que adquiriram com a definição sociocultural de periferia.

A produção centralizada nos territórios desafia as imagens estigmatizantes reforçadas pela imprensa tradicional, que são cúmplices da manutenção das desigualdades estruturais através do controle da narrativa. Quando as identidades sociais e locais dos sujeitos e sujeitas são representadas sob uma ótica de *conhecimento situado*⁸, novas formas de enxergar a periferia são difundidas, e isso tem implicações diretas na vida de seus habitantes. O

⁷ FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R. ; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

⁸ Todas as formas de conhecimento refletem condições particulares nas quais são produzidas, e em algum nível, refletem as identidades sociais e os locais sociais dos produtores de conhecimento. HARAWAY, Donna. Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature. Oxfordshire: Routledge, 1991.

jornalismo periférico, portanto, se apresenta como um espaço de emancipação uma vez que pode promover a reflexão dos sujeitos sobre as estruturas que os oprimem.

Não se trata de um jornalismo para propagandear palavras de ordem ou para disseminar determinados textos ideológicos, mas sim de assumir um posicionamento em um processo de construção coletiva de emancipação. (Oliveira, 2014, p.230)

Apesar de seu papel crucial no processo emancipatório das periferias, o jornalismo não pode ser tido como a única *práxis*⁹ presente nos territórios. Em alguns casos, a produção de um jornalismo anti-hegemônico acaba por entrelaçar os objetivos emancipatórios com um discurso ideológico, que se observa comumente em jornais ligados a organizações políticas. Portanto, é importante reconhecer suas limitações a fim de escapar de uma visão dicotômica de ora um instrumento ideológico de classes dominantes, ora instrumento de lógica revolucionária, que não é capaz de comportar sua complexidade.

3. Valores-notícia nas iniciativas periféricas

Este artigo utilizou como base a análise de conteúdos jornalísticos publicados por três veículos de jornalismo periférico da cidade de São Paulo: *Agência Mural*, *Nós, Mulheres da Periferia* e *Periferia em Movimento*. Suas características, como a produção focada no território, sua estrutura organizacional horizontalizada e sua linha editorial foram os principais aspectos que permitiram classificá-los como iniciativas alternativas e comunitárias.

Para compreender as escolhas editoriais de cada iniciativa, é preciso abordar o conceito teórico de *valores-notícia*. São eles que orientam as organizações jornalísticas, a partir das teorias da comunicação, a eleger os assuntos destacados e descartados em suas produções. O jornalista Nelson Traquina chamou de *noticiabilidade* o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possui valor como notícia (Traquina, 2008, p. 63). É importante pontuar que ele próprio discorre sobre como os critérios não são neutros e fazem parte de uma esfera de consenso¹⁰, na qual se

⁹ Transformação do meio natural em que vive o homem (conquista e humanização da natureza, modificação, supressão e criação de objetos, transformação das condições naturais da vida humana); criação de distintas formas e instituições da vida humana – das interações, comunicação mútua e trabalho cooperativo e associativo. A luta pela sobrevivência leva à transformação das condições sociais da vida humana que é ao mesmo tempo autocriação e criação coletiva do homem. OLINDA, Maria. *Práxis e Educação*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.20, p. 86 - 93, dez. 2005.

¹⁰ Segundo Daniel Hallin, a esfera de consenso é a região em que encontramos os valores consensuais da sociedade, como a liberdade e a igualdade. No seu limite estão objetos sociais que não são tidos pelos jornalistas, de modo geral, como controversos. Dentro deste universo, os jornalistas não se sentem instigados a refletir sobre pontos de vista sobre

convenciona o que são os valores mais importantes para aquela sociedade. Opiniões dissidentes desse conjunto de ideias são frequentemente marginalizadas.

3.1 Proximidade e relevância

O primeiro desses critérios destacados nas produções do jornalismo periférico é o valor da *proximidade*. Ele está ligado não somente à proximidade geográfica, mas também à proximidade cultural. Portanto, um fato de relevância local também pode contemplar pessoas que vivem em outros territórios, pois compartilham uma identidade periférica construída através da suscetibilidade às mesmas condições socioespaciais.

Partindo da mesma lógica, outro valor que se apresenta frequentemente como orientador das escolhas editoriais da maioria das iniciativas periféricas é a *relevância*. Traquina define como a capacidade do acontecimento de incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação (2008, p.80), mesmo que o público-alvo tenha experiências locais muito distintas entre si. As manifestações culturais que excedem sua localidade geográfica através da identidade são consideradas relevantes.

3.2 Critério contextual de disponibilidade

Em segundo plano, também é possível abordar o critério de *disponibilidade*, entendido por Traquina (2008) como um critério de construção, cujo contexto de produção da notícia não se pauta somente nas características de um fato para ser noticiado, mas na viabilidade de fazê-lo. Considerando a limitação de recursos de grande parte das iniciativas de jornalismo periférico – em sua maioria de caráter independente – as verbas são insuficientes para arcar com coberturas grandiosas, como os jornais hegemônicos. Portanto, a disponibilidade torna-se um fator de influência na escolha do fato noticiado, porque limita o alcance da cobertura e molda ela com um enfoque mais localizado, dentro do orçamento disponível.

4. Metodologia

determinadas questões, e inclusive muitas vezes acabam agindo como defensores ferrenhos de valores considerados consensuais. HALLIN, Daniel (1986). The "Uncensored War". Berkeley: University of California Press.

O material de análise deste trabalho foram as publicações dos veículos *Agência Mural*, *Nós, Mulheres da Periferia* e *Periferia em Movimento*, referentes às eleições municipais de 2024. Foram considerados conteúdos veiculados nos sites das iniciativas, totalizando 95 reportagens – sendo 22 anteriores, 66 durante e 7 pós período eleitoral¹¹. O registro mais recente de conteúdo ligado às eleições é de 28 de outubro, dia seguinte ao segundo turno para prefeito em São Paulo, e o mais antigo de 30 de janeiro.

As produções foram separadas por veículo, registradas em planilha¹² e subdivididas em sete categorias principais, criadas a partir de análise qualitativa dos temas mais recorrentes e de maior destaque para o jornalismo periférico sobre as eleições. São elas 1) Análises e editoriais; 2) Candidaturas periféricas e/ou de caráter identitário; 3) Candidatos à prefeitura; 4) Dados demográficos; 5) Denúncias; 6) Combate à desinformação; 7) Informações técnicas sobre o pleito e cargos de vereador e prefeito. A *Agência Mural* foi a iniciativa com maior número de publicações, seguido da *Periferia em Movimento* e *Nós, Mulheres da Periferia*.

Análises e editoriais foi a categoria mais presente, ressaltando a priorização de narrativas do próprio território pelos veículos, que se liga ao valor noticioso da proximidade. Em sua maioria, as publicações abordaram o uso político da periferia como estratégia de ganho de votos, entrevistas com moradores e análises dos próprios repórteres sobre acontecimentos relevantes durante o período eleitoral. Em segundo lugar, ficaram as matérias com informações técnicas sobre o pleito, cujo aspecto utilitário tem como finalidade trazer informações para pessoas com menos escolaridade, jovens e grupos marginalizados. Observa-se que essas produções contribuem para ampliar a participação política das populações periféricas, historicamente apartadas dos espaços de debate da cidade e da política institucional.

Outro destaque foi a presença de perfis de candidatos/as oriundos das periferias, pertencentes a grupos minorizados como LGBTQIA+, mulheres e pessoas racializadas, que aproxima a população de propostas de governo que se ligam diretamente às demandas de seus territórios. Ainda a respeito do critério de proximidade, matérias procuraram abordar temas como segurança pública, levando em consideração, exclusivamente, opiniões de candidaturas periféricas, uma forma de *práxis* emancipatória ao trazer a reflexão junto às *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, e promove um debate público que se constrói a partir dessa identidade, não apenas de seu entendimento externo.

¹¹ Nas eleições municipais de 2024, o período eleitoral foi de 16 de agosto a 06 de outubro de 2024.

¹² Disponível em: <https://bit.ly/43MCQTA>.

5. Considerações finais

A análise qualitativa dos conteúdos jornalísticos registrados no período proposto permitiram observar de que forma são aplicados os valores-notícia de proximidade e relevância na constituição da linha editorial dos veículos *Agência Mural*, *Nós, Mulheres da Periferia* e *Periferia em Movimento*. As publicações têm uma relação indispensável com o território e as identidades periféricas, mesmo quando restritas a uma temática específica, como é o caso da cobertura eleitoral nos municípios. A observação dessa tendência comum entre as três iniciativas é evidência de seu caráter periférico, alternativo, comunitário e popular.

Os jornalistas que atuam nas iniciativas periféricas, por sua vez, atuam através de suas territorialidades. Esse movimento de engajamento com questões locais, colocando-as no centro de suas produções, promove debates a respeito dos fenômenos sociais, econômicos e culturais das periferias entre seus próprios habitantes. Portanto, é possível afirmar que a atuação profissional dos jornalistas periféricos, que tem o povo como protagonista e parte integrante dos processo de produção da notícia, configura uma *práxis* cultural emancipatória.

Ao assumirem a função de emissor, os repórteres periféricos se apropriam das suas próprias narrativas e desmontam a relação hierarquizada entre quem informa e quem é informado. O controle das imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação (Hooks, 2019), portanto assumir seu manejo é uma prática revolucionária de luta contra as opressões presentes nos bairros afastados dos centros das grandes cidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edson Rildo Penha de. Mortes violentas na cidade de São Paulo na década de noventa: os números da violência da criminalidade na América Latina e Caribe nos anos 90. 2001. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BORDIEU, P. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R.; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

HALLIN, Daniel. *The "Uncensored War"*. Berkeley: University of California Press, 1986.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1998.

MARTINI, Mara Roida. As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 50-65, 2018. DOI: 10.11606/extraprensa2018.149085. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/149085>. Acesso em: 23 out. 2024.

MIRANDA, G. V.; MAGNONI, A. F. Mídias digitais, arenas públicas e internet: as possibilidades do jornalismo em cenários de hiperlocalidade. *Revista Panorama - Revista de Comunicação Social*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 6-11, 2018. DOI: 10.18224/pan.v8i1.6396. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/6396>. Acesso em: 23 out. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire. 2014. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.usp.br>. Acesso em: 23 out. 2024.

PERUZZO, Cicilia. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *Intercom UnB*, 2006.

ROVIDA, Mara. *Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Curitiba: CRV, 2020.

_____. Jornalismo das periferias: uma pesquisa de campo na Região Metropolitana de São Paulo. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. e37004, 2020. DOI: 10.15448/1980-3729.2020.1.37004. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/37004>. Acesso em: 22 out. 2024.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.